



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CERRO LARGO
LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS E ESPANHOL**

**Noções identitárias: construções e desconstruções da identidade
profissional do professor de línguas**

JÉFERSON ANTUNES BRUM
ORIENTADORA PROFESSORA DOUTORA ANGELISE FAGUNDES DA SILVA

CERRO LARGO
JULHO/2020

JÉFERSON ANTUNES BRUM

**Noções identitárias: construções e desconstruções da identidade
profissional do professor de línguas**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras Português
e Espanhol Licenciatura, da Universidade
Federal da Fronteira Sul, como requisito
para obtenção do título de Licenciado em
Letras com habilitação em Língua
Portuguesa e Espanhola

ORIENTADORA PROFESSORA DOUTORA ANGELISE FAGUNDES DA SILVA

**CERRO LARGO
JULHO/2020**

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Brum, Jéferson Antunes. Noções identitárias: construções e desconstruções da identidade profissional do professor de línguas / Jéferson Antunes Brum. -- 2020. 30 f.:il.

Orientadora: Angelise Fagundes da Silva
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, Cerro
Largo, RS, 2020.

1. Formação, Identidade, Docência.. I. Silva,
Angelise Fagundes da, orient. II. Universidade Federal
da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JÉFERSON ANTUNES BRUM

NOÇÕES IDENTITÁRIAS: CONSTRUÇÕES E DESCONSTRUÇÕES DA
IDENTIDADE PROFISSIONAL DO PROFESSOR DE LÍNGUAS

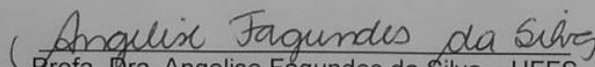
Trabalho de conclusão do curso de
graduação apresentado como requisito para
obtenção do grau de Licenciado em Letras:
Português e Espanhol da Universidade
Federal da Fronteira Sul.

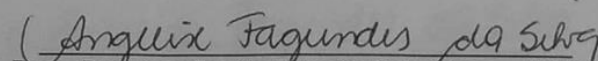
Orientadora: Profa. Dra. Angelise Fagundes
da Silva

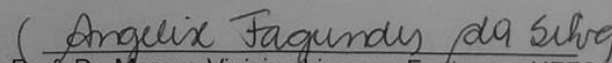
Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

17 / 09 / 2020

BANCA EXAMINADORA


Profa. Dra. Angelise Fagundes da Silva – UFFS
(Presidente/Orientadora)


Profa. Dra. Ana Cecília Teixeira Gonçalves – UFFS*


Prof. Dr. Marcus Vinicius Liessem Fontana – UFFS*

*Assinatura do(a) Presidente da banca representando os demais membros conforme Ofício-
Circular N° 8/2020 – PROGRAD.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a mim, sim a mim, por mesmo passando por diversos transtornos internos não ter desistido e ter seguido, fragilmente, mas seguido. E ter entendido que estes processos me constituiriam como sujeito. Também por nunca ter sido fácil uma pessoa de classes minorizadas¹ estar em uma universidade, eu estava e tinha que honrar os meus. Este trabalho é a soma de todos os esforço e meios possíveis.

Também dedico este trabalho a meus familiares, a minha mãe, meu pai, minha irmã, minha sobrinha e a minha tia Eva, que me acolheu por quase dois anos em sua casa. Obrigado por terem se dedicado tanto. Talvez estes últimos anos foram todos para mim. Por terem se privado de tantas coisas por mim e por sempre deixarem transparecer que tudo estava bem, como forma de estímulo para que eu seguisse. Serei eternamente grato a vocês por todo esse processo. Obrigado por terem sido meu abrigo em meio à ventania.

Meu mais profundo agradecimento a minha orientadora, professora Angelise Fagundes da Silva, primeiramente por lá no início da graduação ter me desafiado a ser professor e sentir ser professor, e também por ter aceito orientar um camarada bem confuso e cheio de incertezas e por sempre ter respeitado minha escrita, meus quereres e principalmente meus silêncios, que foram muitos. Aproveito para agradecer a todos meus professores do curso de Letras Português e Espanhol da UFFS *campus* Cerro Largo, por toda a dedicação e por todos os momentos de reflexões sobre nosso pensar e agir docente.

Dedico este trabalho em que me propus a pensar e refletir acerca de questões identitárias, àqueles que mais me ajudaram em todos meus processos de formação de minha identidade: os meus amigos. Por todos os convites e por todas as negativas também. Obrigado por terem me aceito como sou e por terem tornado as dores e sofrimentos mais leves. Infelizmente, não poderei citar nome por nome aqui, pois faltaria espaço, mas todos que estiveram perto/junto/presentes ao longo dessa caminhada, estão aqui em forma de muito afeto e gratidão. Saibam que foi através de nossas relações que pude viver minha melhor resolução e ter com quem compartilhar.

Por fim, mas não menos importante, quero agradecer aos governos do PT por terem investido na educação e por terem aberto as portas da Universidade Federal da Fronteira Sul para todos.

Minha gratidão a todos!

¹Segundo o dicionário Aulete Digital **Minorizado** diz respeito a algo ou alguém que, foi deixado para segundo plano, para plano inferior

“Ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos”

Paulo Freire

RESUMO

O objetivo deste trabalho é propor uma reflexão sobre a formação do professor de línguas e a (des)construção de sua identidade profissional, considerando elementos de sua trajetória de vida. Busco entender quais são os saberes envolvidos na (des)construção da identidade desse professor, os conflitos vividos, os medos, empecilhos e frustrações, as descobertas, os encontros com o conhecimento e com as pessoas. Para tanto, busco demonstrar a construção da minha identidade docente através de narrativa produzida concomitante ao texto acadêmico, a partir de um álbum entrelaçado a esse texto, à parte. Afora isso, trago para esta pesquisa minhas experiências docentes, minhas experiências como sujeito em (trans)formação para entrelaçar com vozes de renomados pesquisadores que já escreveram acerca do assunto, como Paulo Freire, Vilson Leffa, Carmen Backes, entre outros. Este trabalho é dividido em seções que abordarão: definições de identidade, questões de gênero, docência, movimento estudantil, pandemia e principalmente o sentir docente.

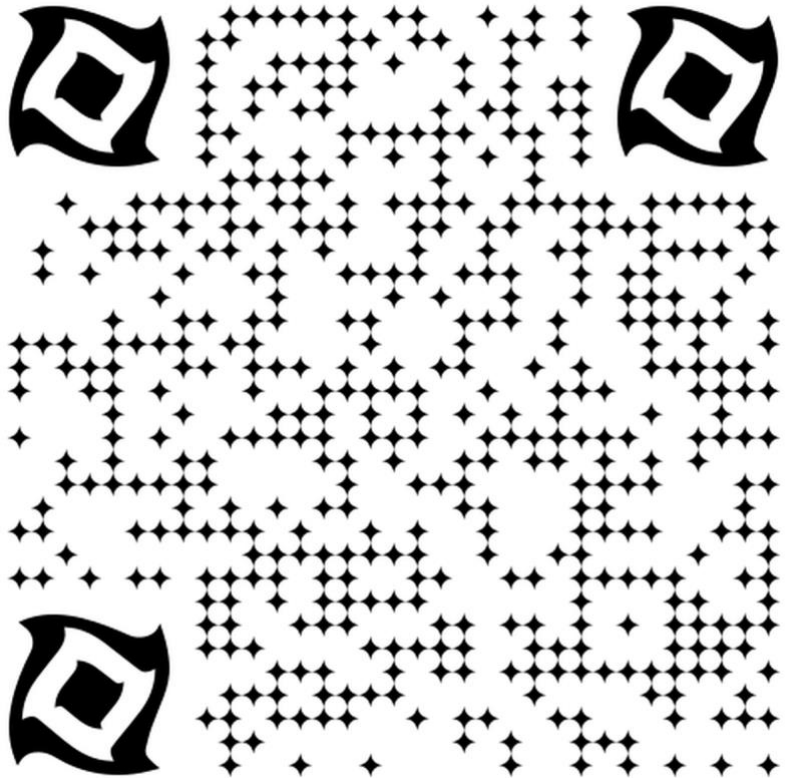
Palavras-chave: Identidade. Línguas. Desconstrução. Docência. Experiência.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es proponer una reflexión acerca de la formación del profesor de lenguas y la (des)construcción de su identidad profesional, considerando elementos de su trayectoria de vida. Busco entender cuáles son los saberes involucrados en la (des)construcción de la identidad de este profesor, los conflictos vividos, los miedos, obstáculos y frustraciones, las descubiertas, los encuentros con el conocimiento y con las personas. Para todo, busco relacionar la construcción de mi identidad docente a través de una narrativa producida concomitantemente al texto académico, a partir de un álbum entrelazado a ese texto y ampliado él, a parte. Afuera esa, trajo para esta búsqueda mis experiencias docentes, mis experiencias como sujeto en (trans)formación para entrelazar con voces de renombrados investigadores que ya han escrito sobre el asunto, como Paulo Freire, Vilson Leffa, Carmen Backes, entre otros. Este trabajo está dividido en secciones que van a abordar: definiciones para identidad, escojas profesionales, género, prácticas docentes, movimiento estudiantil, pandemia y principalmente el sentir docente.

Palabras-clave: Identidad. Desconstrucción. Docencia. Experiencia.

Convido você, leitor, a usar um aplicativo leitor de Qrcode e apontar sua câmera para o Qrcode abaixo para acessar o álbum que conta um pouco sobre a construção da minha identidade, cada foto contém legendas descritivas.²



²Link de acesso para o álbum: <https://br.pinterest.com/jeffantunesb74/identidades/>

ÍNDICE

Sumário

INTRODUÇÃO.....	09
1. DEFININDO IDENTIDADES: NÓS IDÊNTICOS DIFERENTES	11
2. ESCOLHAS X PRESSÕES: VOZES QUE ECOAM E QUE DECIDEM.....	13
3. O PRIMEIRO CONTATO PRÁTICO NA PROFISSÃO: MEDOS, PRESSÕES E AFETIVIDADE.....	16
4. O GÊNERO ATRAVÉS DO MEU REFLEXO NO ESPELHO....	19
5. MEU PARTIDO: SER PROFESSOR!.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
6. <i>POST SCRIPTUM:</i> A DESCONCERTANTE PANDEMIA	28
REFERÊNCIAS.....	30

INTRODUÇÃO

Temos uma grande preocupação de como queremos nos ver e como somos vistos pelo outro. “Ser ou não ser” a famosa máxima do Shakespeare. Ser é não ser? Ser é ser? Afinal, o que somos e como somos constituídos? Nos reconhecemos através do espelho? Que vozes fazem parte de nossa constituição identitária como sujeito único e como sujeito profissional? Para tentar responder estas e tantas outras perguntas sobre o assunto em questão, identidade, alçarei mão de teóricos como Carmen Backes, Paulo Freire, Hilário I. Bohn, Vera Lúcia de Menezes Oliveira, Vilson Leffa, entre outros.

Identidade será abordada neste trabalho como algo mutável e metamórfica, ou seja, que está em constante mudança e construção. Nesta pesquisa será trabalhado o tema identidades profissionais através de uma perspectiva alterativa, cada um, diante desse tema e na construção de sua identidade, terá uma percepção, porque é algo individual.

É importante mencionar que há diversas identidades; identidade nacional, cultural entre, outras tantas, mas que neste trabalho, trabalharei sob o conceito de identidade profissional e o que acredito constituir essa vertente.

As questões ligadas às identidades, na individualidade de cada sujeito ou em seu meio social coletivo, vêm despertando um grande interesse como tema de pesquisa. Entender como, desde o ventre da mãe, a identidade cultural de uma pessoa está sendo construída e desconstruída também. Portanto, neste trabalho de final de curso, pretendo apresentar a complexidade que envolve a construção da identidade profissional do professor de língua, através de uma pesquisa bibliográfica.

Ao tratar sobre identidade terei de transitar por toda a complexidade do tema, pois trata-se de um tema multidimensional, que está ligado a todas as áreas. Com isso me proponho a entender conceitos como da identidade individual de cada sujeito, nesse caso em específico do professor de língua estrangeira. Pretendo olhar, ainda, para as interseções entre essas identidades e a formação teórico-prática do professor. Tratando-se de identidade, é inevitável que essa proposta de pesquisa se debruce, também, no como as relações familiares interferem na formação do professor de Letras e o que isso

implica na constituição da sua identidade, enquanto sujeito e enquanto profissional de ensino.³

É importante mencionar que nessa escrita é inevitável não me apartar do sujeito que sou e de como a minha identidade foi sendo constituída desde o seio familiar até a minha chegada na universidade. Quem sou hoje pressupõe toda uma caminhada antes de ingressar na Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Cerro Largo, no curso de Letras Português e Espanhol - Licenciatura e, evidentemente, toda a caminhada percorrida até este exato momento em que me dedico a pensar sobre essas questões identitárias do professor de língua estrangeira.

Trata-se de um processo de autoconstrução de um ser, de uma identidade, através do outro e através do espelho, ou melhor dito, de uma autorreflexão de quem somos enquanto professores de Letras. Vale levar em conta a reflexão feita por Freire (2001, p. 79) em **Política e Educação**:

[...] As vezes, ou quase sempre, lamentavelmente, quando pensamos ou nos perguntamos sobre a nossa trajetória profissional, o centro exclusivo das referências está nos cursos realizados, na formação acadêmica e na experiência vivida na área da profissão. Fica de fora como algo sem importância a nossa presença no mundo. É como se a atividade profissional dos homens e das mulheres não tivesse nada que ver com suas experiências de menino, de jovem, com seus desejos, com seus sonhos, com seu bem-querer ao mundo ou com seu desamor à vida. Com sua alegria ou com seu mal-estar na passagem dos dias e dos anos.

Antes de nos tornarmos profissionais de ensino, somos filhos, irmãos, amigos entre tantas outras identidades, que devem ser levadas em conta quando fala-se em identidade profissional, pois essas outras faces refletirão no meu eu profissional, através de nossas frustrações, medos, felicidades etc.

Refletirei criticamente sobre a formação do professor de línguas e a (re)construção de minha identidade profissional, buscando entender quais são os saberes envolvidos no desenvolvimento da identidade do professor de línguas estrangeiras, os conflitos vividos por esses professores em formação, seus medos, empecilhos e frustrações na construção de suas identidades profissionais. Este trabalho busca, também, refletir sobre o exemplo dos professores formadores na (de)formação profissional dos acadêmicos em licenciatura em Letras. Por fim, mas não menos importante, analisar o cenário

³Esse trânsito da pessoa do verbo se deu em decorrência de ser uma pesquisa também se trata de uma narrativa pessoal: ora a escolha por uma pessoa do verbo (nós ou ele) para o desenvolvimento de partes do texto, como o referencial; ora a escolha do “eu” para passagens relacionadas à autobiografia.

atual da profissão no Brasil e buscar problematizar discursos de notórios saberes do que é o professor ideal.

Desta forma está dividido em seis seções. Na primeira seção definirei qual o sentido de identidade que será abordado ao longo da pesquisa. A segunda será destinada às questões afetivas durante a formação de escolha profissional e durante a formação deste profissional. Esta seção se embasa através de um diálogo entre vozes de renomados autores com minhas experiências/memórias/vivências como sujeito identitário e como professor em formação. Na seção de número três, abordarei questões ligadas ao gênero, como um processo que se forma em igual e ao mesmo tempo com a identidade, partindo para a quarta seção, em que comentarei sobre o movimento estudantil dentro da formação da identidade profissional do professor em formação e, na última parte do trabalho, já caminhando para as considerações finais, pretendo esclarecer como todos estes fatores que serão citados ao decorrer do texto acontecem juntos, concomitantemente e nos conduzem a formar e (des)construir nossa identidade enquanto sujeito. Por fim, convido o leitor a conhecer o álbum que organizei e que conta um pouco da minha trajetória até o momento desta escrita. Nesse álbum à parte, poderá conhecer diferentes etapas da construção da minha identidade.

1. DEFININDO IDENTIDADES: NÓS IDÊNTICOS DIFERENTES

Primeiramente, é importante ir construindo o conceito principal deste trabalho. Portanto, segundo o dicionário organizado por Evanildo Bechara (2012) o termo identidade diz respeito a 1. Qualidade de idêntico; igualdade. 2. Conjunto de características próprias e exclusivas de uma pessoa, tais como o nome, idade, estado civil, profissão, sexo, impressões digitais etc. 3. Documento de identificação que contém esses dados: carteira de identidade.

Para a psicologia, identidade é uma construção dinamizada por unidades de consciência de si mesmo, que se dá por relações subjetivas de linguagem e de vivências pessoais. Trata-se de um processo afetivo e cognitivo ligado ao ambiente em que o sujeito está inserido. Para Freud, segundo Lacan (1985, p.15), pode-se entender que tudo que aflora e que é exterior no ser humano não é a verdadeira identidade, mas sim uma outra entidade, que só terá sentido na sua interação entre o inconsciente e o resto do mundo, o outro.

Já para Morin (2001), a identidade é como um processo duplo, no qual há que ensinar o sujeito a reconhecer a si mesmo e permitir que reconheça a diversidade inerente a tudo aquilo que é humano. As relações humanas farão com que nossa identidade exista, ou seja, reconhecendo a diversidade humana me reconheço como sujeito que possui identidade, sujeito capaz de construir uma identidade.

Nesse sentido a identidade do professor se dará e se constituirá através de todos os processos vivenciados por ele, desde muito antes de sua escolha pela profissão até suas escolhas acadêmicas, sua familiaridade com algumas disciplinas e por alguma área em específico. Portanto, cada identidade será distinta uma da outra, pois nenhum sujeito teve as mesmas vivências e mesmo que tivessem tido cada um as sentiria de forma não igual ao que o outro sentiu.

Ao considerar estes fatores, a identidade profissional é construída socialmente, historicamente, institucionalmente e, principalmente, afetivamente. Por isso, não se pode somente pôr a culpa nas instituições de ensino quando algo não sai bem na formação de um novo professor, pois também devemos levar em conta, nesse processo, a responsabilidade sobre si desse futuro profissional. É um processo individual e social ao mesmo tempo.

Por muito tempo o ensino de línguas foi visto como algo para poucos, pertencente somente às classes de prestígio, uma forma de dominação, de acesso e de não acesso à cultura. Essa afirmação se confirma no que destaca Rajagopalan (2003: 67), que, ao estudarmos uma língua estrangeira, buscamos uma maneira de “ampliar os nossos horizontes culturais, de nos lançar a um melhor nível de vida – em suma, de tirar proveito do contato com algo previamente entendido e encarado como superior ao que já possuímos”, neste caso, nossa língua materna.

Trazendo a discussão para os dias atuais, este ensino passou a ser mais democrático e também não é mais visto somente como um produto das classes mais favorecidas, mas sim como um conhecimento libertador, que amplia horizontes, a percepção do mundo, das coisas, de nós mesmos. Todas as escolas têm pelo menos uma disciplina de língua estrangeira, normalmente de língua inglesa, por questões, ainda, de prestígio, mas aí entraremos em outra discussão, que apesar de pertinente não é o objetivo do trabalho.

Gómez (1992) salienta que há dois modelos de formação de professores que necessitam dialogar entre si, caracterizados por concepções de ensino

específicas e divergentes, definidos como racionalidade técnica e racionalidade prática.

O aspecto relacionado à racionalidade técnica do professor de Letras trata muito sobre suas visões e crenças pessoais e até mesmo como aluno, nesse sentido tudo o que ele viveu e sentiu e não apenas no sentido acadêmico, mas no geral, família, amizades, decepções, felicidades etc. Todos esses fatores irão compor várias faces de identidades. Refiro-me a faces pelo fato de a identidade não ser singular, somos compostos por diversas identidades, pois o Eu não se trata de um ser passivo somente constituído por discursos internos, se fosse, o mesmo estaria em negação a sua autoidentidade. Com relação ao aspecto relacionado à racionalidade prática, o professor é visto como sujeito prático e autônomo, toma decisões por si só e é capaz de criar durante sua própria ação, mas essa é uma das grandes dificuldades, fazer com que a reflexão acompanhe a ação docente. Dewey (1959) assinala que o professor reflexivo é aquele que busca equilíbrio entre a ação e o pensamento, e uma nova prática implica sempre uma reflexão sobre a sua experiência, suas crenças e valores.

2. ESCOLHAS X PRESSÕES: VOZES QUE ECOAM E QUE DECIDEM

Nesta seção será tratado sobre o seio familiar enquanto formação identitária desse profissional. A família é uma das vozes constituintes com maior influência na formação identitária de uma pessoa, pois é na família que temos nosso primeiro contato social e, através dela, que temos nossa primeira versão identitária. A formação de nossa identidade se dá muito antes de nosso nascimento biológico, pois mesmo ainda dentro do útero há diversas vozes constituintes sobre quem será a criança por nascer. O próprio nome é uma formação identitária, nosso primeiro contato em nosso nascimento social. E é através dessas vozes constituintes sobre quem devemos ser e o que devemos ser, que vão moldando quem somos e/ou o que queremos ser. Nossos gostos em grande maioria são parecidos com os de nossos progenitores, o que os leva a pensarem que eles sabem o que seria o ideal de profissão para o filho, e às vezes até sabem, às vezes até há um consenso, mas na maioria das vezes o filho encara a escolha da profissão como uma pressão, também porque neste instante de escolha o jovem não possui meios para se manter.

Por isso que o processo de escolha de uma profissão é um dos processos mais delicados da vida de um sujeito, pois essa etapa normalmente ocorre quando esse sujeito ainda é muito jovem e está passando por um momento cheio de pressões sociais. Essa escolha geralmente ocorre por diversos fatores ligados à família e à escola. A escolha de ser professor sugere que esse sujeito tenha um bom desempenho acadêmico em determinada disciplina, ou então pela facilidade de acesso em cursos de licenciaturas e/ou então por algumas comodidades, por exemplo, ter um *campus* perto da cidade que os pais residem ou então, na pior das hipóteses, quando é apenas por vontade dos pais. Contudo, sabemos que para ser professor não basta apenas ter domínio de conteúdo ou gostar da área que seguiu, ou nossos pais quererem que sejamos.

A ideia de que o indivíduo escolhe sua ocupação ou profissão a partir das condições sociais em que vive e em função de suas habilidades, aptidões, interesses e dons (vocação) não é uma ideia que sempre existiu. É algo que teve início quando se instalou na sociedade o modelo de produção capitalista (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001, p.308).

Os caminhos que tomamos durante o momento de escolha da profissão dizem muito sobre nossa identidade e quase sempre vão ao encontro das expectativas/desejos de nossa família.

Desde muito cedo ouço minha mãe falando que o sonho dela seria que um dos filhos fora professor. Eu sempre achei que não era uma profissão que caberia a mim, que minha irmã seria mais indicada para realizar esse sonho talvez frustrado de minha mãe, não por ela ser mulher e o professorado ter sido visto por muito tempo como profissão de mulher, mas por não desejar isso para mim e também por ela sempre ter sido mais estudiosa e dedicada.

Para Nepomuceno e Witter (2010), o momento de escolha profissional do filho pode gerar nos pais fantasias inconscientes de reparar as suas próprias escolhas fazendo com que os genitores despendam sobre seu filho suas frustrações ou sonhos de continuidade através das influências.

Bohn (2005) as vozes da família são as vozes da persuasão, dos convites, dos valores, das crenças, dos preconceitos que se fazem ouvir no ambiente familiar, certamente fator decisivo na constituição da identidade do indivíduo. Talvez seja neste ambiente que se tingem os fios que compõem os traços singulares da tecedura identitária do cidadão.



(Representação de minha constituição familiar)

Os pais muitas vezes projetam suas frustrações nos filhos, grande parte das vezes não levando em conta o gosto e próprio perfil do jovem. Em casa nunca conversamos muito sobre o que cada um sonhava, até por que fazer um curso em uma universidade sempre pareceu algo muito distante da realidade de meus pais. Minhas escolhas se efetivaram muitas em conversas com amigos. Lembro-me do meu último ano dentro da escola, a pressão vivida foi assustadora. Lembro-me também do teste vocacional que fiz, que me disse que eu tinha aptidão para profissões ligadas à comunicação. Neste momento tive a real certeza de que ser jornalista seria o meu futuro. fiz diversos planos, que felizmente não deram certos. Pois bem, hoje estou eu após um longo processo de aceitação profissional que só ocorreu mesmo após o quarto ou quinto semestre do curso de Letras, escrevendo sobre identidades docentes e toda a problemática que envolve o tema. Hoje, nada arrependido, pois não estou me tornando professor para avivar um sonho de minha mãe, ainda que para mim seja muito importante vê-la feliz através de mim, mas o faço por sentir que é o meu lugar. Meu pai nunca teve um papel muito forte em minhas decisões, afinal eu sempre ansiei muito minha independência, intelectual principalmente. Meu pai é um homem simples, analfabeto, não dotado dessa cultura letrada, mas dotado de muitas outras. Cujo lema sempre foi “meus filhos terão tudo que eu não tive”, ou seja, sempre tive em casa um grande suporte para seguir estudando, me sinto muito privilegiado em ser o primeiro da família a entrar numa universidade.

3. O PRIMEIRO CONTATO PRÁTICO NA PROFISSÃO: MEDOS, PRESSÕES E AFETIVIDADE

Minha identidade profissional ainda se encontra em construção, assim como deve/deveria ser a de todos os professores, mas sabe-se que isso nem sempre é possível, devido à falta de programas de formação continuada, por exemplo, e baixa valorização de nossa profissão no país.

Até o momento, tive a oportunidade de participar de diversos espaços de prática docente, dentro e fora da universidade. E por muitas vezes observando aulas no estágio ou em programas como PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) e Residência Pedagógica, inclusive de professores que eu tive no ensino básico, me perguntava como esses professores não percebiam que somente passando atividades do livro didático ou então pedindo para que os alunos traduzissem textos, seria extremamente ineficaz e chato o processo de aprendizagem da língua espanhola. Por vezes, saía da sala de aula de observação chateado e bravo por ver que em nenhum momento o aluno fora incluído naquela aula. Vendo as coisas de fora ou então não estando no lugar do outro as coisas sempre parecem ser fáceis. Não são. Vale levar em consideração o que nos diz Paulo Freire sobre a prática profissional:

[...] Não podemos duvidar de que nossa prática nos ensina. Não podemos duvidar de que conhecemos muitas coisas por causa de nossa prática. (...) Mas este conhecimento que ganhamos de nossa prática não basta. Precisamos ir além dele. Precisamos de conhecer melhor as coisas que já conhecemos e conhecer outras que não conhecemos. (FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 48°. São Paulo: Cortez, 2006,p. 70-71).



(Prática docente no CELUFFS, 2019).

Em 2017, bolsista do PIBID, dei minha primeira aula e ali entendi muita coisa e senti muito medo. Toda aquela prepotência de achar que sabia tudo e de que minha didática era melhor ou mais adequada que a dos professores citados acima, caíra por terra, e que bom. Com isso pude perceber que nada é tão imediato quando falado de formação e de um trabalho com gente. Frente a isso, percebi a sala de aula como fenômeno vivo, onde não há como prever tudo, tampouco saber lidar com tudo. A sala de aula é dinâmica, é viva, nunca será igual ou semelhante ao que foi ontem. Com o PIBID, percebi que nada adiantaria ter em mente toda a teoria vista durante a graduação e não ter uma prática consciente. Segundo Vieira-Abrahão (2002: 65),

[...] O conhecimento é construído por meio da reflexão sobre os problemas reais encontrados e por meio de teorias que se fazem necessárias para a compreensão e busca de soluções. (...) Consideramos necessário que o aluno-professor tenha acesso a teorias e princípios, a resultados e técnicas de investigação, a estratégias e técnicas de ensino, mas que os mesmos não sejam apresentados de forma impositiva e dogmática, como verdades únicas e aplicáveis a qualquer contexto.

Também consideremos o que nos propõe Schön (2000), sobre a formação de profissionais reflexivos que está relacionada à idéia de formação de professores capazes de repensar criticamente a sua prática pedagógica, alterando-a conforme os objetivos e as necessidades dos aprendizes. Portanto,

é importante associar a teoria à prática docente, que é construída através das vivências na profissão, ou deveria. Também é importante pensar e refletir acerca das possíveis problemáticas que se enfrentará ao ingressar na escola e que nesse primeiro contato nunca saberemos lidar com todas essas problemáticas. Nenhuma teoria é capaz disso. Deixo de exemplo o ocorrido em minha primeira aula em uma turma do sétimo ano, relativamente grande, de uma escola da rede estadual no município de Cerro Largo. Um momento repleto de incertezas e medos, eu tremia, mas por fora tinha que de alguma forma manter-me calmo. Extrovertido que sou, tentei usar do humor para ganhar a turma o que estava dando certo até o momento que uma das alunas resolve fechar a janela que estava aberta, cortando sua mão no vidro que estava quebrado. A aluna se dirigiu até mim com a mão sangrando e eu fiquei totalmente sem reação, pálido talvez, sem saber o que fazer, após esse momento de pânico levei a aluna até a direção e lá estancaram o sangue e fizeram curativo. Logo me questionei se como professor deveria eu ter um curso de primeiros socorros e se a senhora da secretaria sabia de fato fazer curativo, uma resposta que até hoje não obtive. Nessa turma ministrei aulas de literatura por cerca de uns 4 meses e confesso que tenho para mim como um dos momentos mais difíceis dentro da escola, como professor em formação. Por vários fatores: 1) apesar do curso em que estou me graduando me habilitar para atuar em três grandes áreas, literatura, língua portuguesa e língua espanhola, na época, devido à fragilidade de ensino de literatura durante o ensino médio, eu não tinha qualquer tipo de afinidade para ensinar a matéria; 2) a falta de leitura na área, tanto da minha parte que até então estava totalmente sem nenhuma referência nem mesmo para planejar as aulas e da parte dos alunos que tinham uma enorme resistência em ler qualquer assunto relacionado a literatura; 3) na época a incerteza de que eu realmente queria isso para a minha vida era muito grande e por vezes me perguntara se estava feliz estando ali. E não estava.

Esses três grandes fatores associados a outros fizeram com que pela primeira vez eu chegasse ao meu limite. Remédio para depressão, insônia, distúrbios alimentares passaram a fazer parte de meu cotidiano. O fato de não estar feliz ministrando aulas de algo que até então eu não gostava estava me consumindo por dentro. Mas nesse meio tempo, por convite de uma colega, eu entrara para o chamado Clube de Línguas, hoje Centro de Línguas da UFFS (CELUFFS), ambiente em que professores em formação podem ter a

oportunidade de ministrar aulas em cursos dentro da universidade, a partir da extensão universitária. No primeiro momento, comecei no projeto como monitor em aulas de língua espanhola e comecei a gostar. Foi nesse momento que houve a virada na minha vida acadêmica, pois encontrara o meu lugar de estudo, claro, sabendo que mesmo querendo me dedicar aos estudos voltados para a língua espanhola não poderia deixar de dedicar-me às outras áreas. E é libertador trabalharmos com algo que gostamos.

Mais uma vez volto minha preocupação a meus antigos professores, pois muitos deles davam aulas para quais nem formação tinham, e eu, por vezes, havia dificultado a vida desses profissionais fazendo questionamentos e apontamentos totalmente desnecessários. O que sente esse profissional e como os fatores relacionados à falta de formação e falta de afinidade também formam identidades? E essas experiências deixam marcas bem presentes e registradas na identidade profissional desse professor.

Vale considerar o que Freire aponta em **Pedagogia da Autonomia**:

[...] É preciso que, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (1996, p. 25).

4. O GÊNERO ATRAVÉS DO MEU REFLEXO NO ESPELHO

Nesta sessão abordarei um pouco sobre uma questão que sempre estará (inter)ligada à formação de uma identidade, trata-se de um fato social que nos acompanha desde nosso nascimento biológico, a formação e deformação identitária ocorrem e se entrelaçam ao mesmo tempo com o gênero. Entender as relações de gênero nos levará a entender melhor, como se dá a categorização da identidade profissional de um sujeito. O gênero é algo que assusta e na escola não é diferente, não foi comigo.

A sexualidade, longe de ser um “domínio da natureza” é considerada aqui como um “fato social” enquanto condutas, como fundadora da identidade e como domínio a ser explorado cientificamente (BOZON e GIANI, 1999).

É nesse aspecto que me questiono sobre minha escolha em ser professor. Se teria se dado por, no ensino médio, haver tido uma professora que me entendia como diferente naquele mundo hétero-normativo, que desde que nasci tentam me encaixar ali. Ela tinha um olhar diferenciado para comigo, nunca me tratara diferente aos demais e nela eu via o exemplo de profissional que um dia eu gostaria de ser, mesmo sem saber que seria professor futuramente. Também via nela alguém que eu podia contar. Não uma psicóloga, como muito se atribui ao fazer docente. Só alguém em que eu podia contar. Também me questiono frente as minhas vivências com a docência, se minha escolha teria mais relação com os profissionais que se isentavam ao me ver sofrendo preconceito. De fato, não sei responder esta questão. Sei dizer que minha identidade dentro da escola sempre fora retraída e que de algum modo só assumia minha real identidade nas aulas de Língua portuguesa e Literatura, em que fazíamos peças teatrais. Pois por muito tempo, em praticamente todo o processo escolar me foi imposta uma identidade, uma identidade dita e tida por séculos como ideal, identidade essa em que jamais me encaixara. É importante destacar aqui que a escola é a representação do que se vive para além de seus muros. Ela reproduz o que os sujeitos vivenciam na sociedade como um todo.

Leffa (2012) nos diz que a imposição de uma identidade está baseada no pressuposto de que há uma identidade única e desejável, com ênfase no *mono*, em detrimento do *multi*. “O indivíduo tenta definir, preservar e impor a identidade do grupo a que pertence. Num mundo já reconhecidamente multicultural, multilíngue e multiétnico, tenta ainda fazer prevalecer o ideal do monocultural, monolíngue e monoétnico. A cultura a que pertence é a que melhor representa os valores da nação em que vive, a variedade linguística que fala é a única correta e a que deve ser ensinada aos outros, sua etnia vem de uma longa tradição histórica que garante a descendência correta para a definição da nacionalidade a que pertence”.

Aqui, emprego a gênero a metáfora de estrangeiro, neste caso não estrangeiro relativo à nacionalidade, mas um estrangeirismo interno. Entendo que quando um sujeito não se encaixa em certos padrões normativos, ainda impostos pela sociedade, este é visto como estrangeiro.

Carmen Backes em sua obra “O que é ser Brasileiro?” (2000) aborda que os destinos singulares de cada sujeito não podem ser descritos ou mapeados, nem tomados como coletivos. Isso leva em conta a particularidade

do lugar desde o qual cada um produz uma versão, numa articulação de sua história com a história dos outros, do acontecido como ficcional.

O gênero visto pela metáfora do estrangeiro, se autoexplica. Agora, trazendo para a escola este estrangeiro, imaginemos como é visto um aluno recém chegado em uma determinada turma. Todos os demais ficam com várias dúvidas e incertezas. Agora pensemos, e se esse aluno for um estrangeiro em relação a país, por exemplo, um sujeito argentino que chegara em uma escola no Brasil, de imediato os que ali já estão acionam seus mecanismos de “defesa”, pois acabara de chegar um estranho, eu não o conheço, logo penso que ele é diferente a mim.

Para BEAUVOIR (1980),

[...] Para os habitantes de uma aldeia, todas as pessoas que não pertencem ao mesmo lugarejo são "os outros" e suspeitos; para os habitantes de um país, os habitantes de outro país são considerados "estrangeiros". Os judeus são os "outros" para os anti-semita, os negros para os racistas norteamericanos, os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários". (BEAUVOIR, 1980, p.11).

É nesta estranheza ao estrangeiro que torna por muitas vezes as experiências vividas por alunos estrangeiros, relativo ao gênero, traumáticas. O que nos leva a refletir, o que faz um aluno estrangeiro que sofreu diversos tipos de preconceitos dentro da escola, querer ser professor? Mais uma questão que terei de deixar em aberto, pois talvez a única hipótese cabível aqui, é a de poder fazer diferente. E que eu como professor, que foi um aluno estrangeiro, faço! Mesmo recém começando minhas práticas em sala de aula, sempre tenho um olhar muito carinhoso e afetivo com os alunos tidos como “alunos problemas” pela escola. Procuro entender o porquê, normalmente são os mais barulhentos ou os mais retraídos. Nesta sessão trato do estrangeirismo relativo ao gênero, mas há outras tantas imposições que nos levam a sermos estrangeiros. Preocupo-me demasiadamente em não ser um xenofóbico dentro da minha sala de aula, me preocupo para que todos que ali estão, estrangeiros ou não, sintam-se acolhidos, pois dentro da Universidade eu nunca me senti novamente um estrangeiro e é essa sensação de “estar em casa” que eu quero proporcionar aos meus alunos.

5. MEU PARTIDO: SER PROFESSOR!

Para dar início a esta seção terei de fazer um breve apanhado da conjuntura do país na época citada e deixar claro que em nenhum momento o objetivo desta seção é de fazer apologia a questões partidárias. O ano é 2016, ano que eu entro na Universidade Federal da Fronteira Sul *campus* Cerro Largo. Mas 2016 não ficará marcado em minha vida somente por este fato, 2016 é também o ano em que “Quase tudo aconteceu na política brasileira” como diz o título de uma matéria da revista *online* Exame.

Dilma Rousseff, Presidenta eleita, foi destituída do cargo em 31 de agosto de 2016, sob a seguinte acusação: “A presidente teria ordenado a edição de créditos suplementares sem a autorização do Senado, bem como realizado operação de crédito com instituição financeira controlada pela União”.⁴

O processo que torna a Presidenta réu, se assemelha em parte, com o sofrido por Collor, ambos sofreram *impeachment* em um momento de crise econômica e baixa popularidade. Mas também se mostram distintos quanto a apresentações de provas. Collor tinha minoria na câmara e haviam provas contra o mesmo, já contra a Presidenta, a manobra usada pela oposição mais se parece com perseguição política, vendo que a documentação apresentada pela acusação não é nem um pouco consistente, chegando a ter uma conotação contraditória.

Neste mesmo ano, um pouco antes das manifestações contra o *Impeachment* de Dilma, sou convidado por uma colega e amiga a fazer parte do Diretório Acadêmico de Letras, e aceitei o convite. Em assembleia geral, com todos os estudantes do curso de Letras, sou apresentado e aceito por unanimidade como Coordenador de Língua portuguesa. É importante mencionar que o diretório se organiza em torno de dez cargos: Presidente, Vice-presidente, Secretário, segundo Secretário, Tesoureiro, Segundo Tesoureiro, Coordenador de Literaturas, de Comunicação e Marketing, Língua Portuguesa e Espanhola.

Em 7 setembro de 2016, participo da minha primeira manifestação, com cartazes de “Fora Temer” e “Diretas já” e com mensagens contra os cortes na educação. Desde então estou envolvido no movimento estudantil dentro da universidade. Acreditava e acredito que, assim como eu, que pertenço a classes

⁴Disponível em: <https://exame.com/brasil/2016-o-ano-em-que-quase-tudo-aconteceu-na-politica-brasileira/>

minorizadas historicamente, outros estudantes devem ter o direito ao acesso a uma universidade pública e de qualidade.



(Ato realizado na praça da matriz, Cerro Largo, RS, 2019).

O ano de 2018 também foi um ano repleto de manifestações, “fake news” e tantas outras problemáticas em nosso país.

Mas nem só de manifestações políticas foram minhas experiências como coordenador de Língua Portuguesa no diretório acadêmico (DALE), também foram de organizações de eventos, como palestras, oficinas e semanas acadêmicas. Dentro do órgão participei da comissão organizadora de três semanas acadêmicas e participei como apresentador de oficinas dentre tantos outros afazeres.

Já em 2019, me torno presidente do diretório e convido para integrar o grupo colegas e amigos que eu sentira que gostariam de alguma forma de estar no movimento. Passo também, neste momento, a ser membro do colegiado do curso, como representante discente.

Dentre outros eventos e apresentações, 2019 fez nosso diretório se mobilizar em prol e juntamente ao DCE, Diretório Central dos Estudantes, contra um ato ocorrido durante as eleições de reitoria e direção da universidade, cuja decisão em votação democrática não fora respeitada por uma das chapas. Em forma de protesto, ocupamos a universidade durante um fim de semana inteiro. Um final de semana de muita formação e informação, os estudantes que ali estavam compartilharam suas pesquisas um com o outro, também de muita coletividade, divisões de tarefas e de opiniões. Infelizmente, nosso movimento, mesmo sendo pacífico e democrático, foi desmantelado, sem violência física,

mas com o aviso de que a Polícia Federal nos tiraria. Na mesma semana fomos em uma van para Chapecó, SC, onde fica a sede da reitoria da universidade para nos unirmos aos demais colegas de *campi* que lá estavam em manifestação e ocupação. Esse movimento além de fazer com que eu conhecesse novos colegas, novas ideologias, me fez perceber que ser professor é muito além da sala de aula e que a profissão que escolhi ansiava por uma juventude crítica e com voz e determinação para fazer um movimento como este feito na cidade de Chapecó. Sim, dá muito medo e testa todos os nossos limites, pois a toda hora recebíamos o informe de que a polícia poderia invadir nossa ocupação, mas saber que estava do lado certo da história me dava não só força mas vontade de ali continuar.



(Ocupação realizada na reitoria da Universidade Federal da Fronteira Sul em Chapecó, SC, 2019).

FREIRE em **Política e Educação** ainda nos reitera que:

[...] Não nasci, porém, *mercado para ser* um professor assim. Vim me tornando desta forma no corpo das tramas, na reflexão sobre a ação, na observação atenta a outras práticas ou à prática de outros sujeitos, na leitura persistente, crítica, de textos teóricos, não importa se com eles estava de acordo ou não. É impossível ensaiarmos estar sendo deste modo sem uma abertura crítica aos diferentes e às diferenças, com quem e com que é sempre provável aprender. Uma das condições necessárias para que nos tornemos um intelectual que não teme a mudança é a percepção e a aceitação de que não há vida na imobilidade. De que não há progresso na estagnação. De que, se sou, na verdade, social e politicamente responsável, não posso me acomodar às estruturas injustas da sociedade. Não posso, traindo a vida, bendizê-las (2001, p.43).

Através do movimento estudantil vi minha identidade, como professor em formação, mudar e espero que siga em constante mudança, pois como também

menciona Freire “um professor que não luta é uma contradição pedagógica”. Meu posicionamento frente a adversidades e incoerências pedagógicas se tornou mais forte. É muito importante vermos a docência através do olhar de nossos mestres, por toda suas experiências e vivências, mas mais importante que isso é criarmos nosso próprio olhar para a docência. Carrego em minha identidade profissional muito dos meus professores da graduação, tanto de coisas boas quanto a coisas não tão positivas, mas que em igual me fizeram refletir sobre que professor quero ser e sobre que professor não quero ser. Nossa identidade durante a graduação pode ser vivida somente de experiências dos e com os nossos professores, ou podemos reconstruí-las, também.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho começou com uma tímida ideia de falar sobre a formação do professor de línguas. E por grande parte deste primeiro momento, ainda no projeto, é o que foi. Mas em diversas orientações e conversas comigo durante a insônia que perturba o momento de escrita de um artigo percebi que a ideia inicial não daria, não mais, conta da proposta da qual eu me propunha aqui. Entendi que para falar acerca de identidade primeiramente tinha que, de alguma forma, entender e apropriar-me de como minha identidade foi construída, desconstruída, formada e deformada até o atual momento. E entender que o processo identitário não depende somente do sujeito, depende de um conjunto, de um todo e que é sobretudo uma construção social. Entender que minha identidade começara se formar desde muito antes de meu nascimento biológico, mas que minha identidade como professor começou a se formar quando ingressei na Universidade Federal da Fronteira Sul, dando início a minha identidade profissional como professor de línguas, minha posição política frente a minha profissão se transformou nesse processo de aquisição e de experimentos dentro da sala de aula e dentro do movimento estudantil e do processo de formação identitária como um todo. Enquanto escrevia este artigo uma pandemia mudou drasticamente nossas vidas. Chamada de pandemia do novo corona vírus ou covid-19 como é cientificamente chamada, a mesma fez-me voltar. Voltar a duvidar e repensar várias faces, máscaras que para mim já haviam sido resolvidas em outras resoluções identitárias. Voltar para casa de meus pais não era mais estar em casa, era estranho. Costumes que antes eu era habituado, não faziam mais parte da minha nova identidade, e não é como uma volta de um estrangeiro para seu país, é voltar a ser estrangeiro, no sentido de que não me sinto mais em casa. Nesse período eu ficara sem exercitar na prática uma das identidades que mais admiro em mim, a de professor, e tive que criar e exercitar tantas outras. As diversas crises identitárias que tive durante esse processo de escrita fizeram com que eu percebesse o quão importante é escrever sobre este assunto e entendê-lo. E o quanto é importante eu como professor respeitar a identidade do meu aluno também, como um professor que leva em consideração a interação/afetividade/diálogo com o aluno, muito do que aprendi em minha trajetória como aluno da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Mas afinal o que é identidade? Quais os principais fatores que a compõem? Todos ocorrem em todos os sujeitos?

Há uma gama de fatores que podem e influenciarão na formação identitária de um professor, e eles podem ocorrer de forma distinta para cada sujeito, pois como mencionado no início deste texto todos sentimos e vivenciamos experiências de forma não igual ao outro, contudo vale ressaltar que alguns fatores ocorrem concomitantemente a formação da identidade e os principais fatores que ocorrem na vida de todos são: família, gênero e classe social. A sessão voltada a movimentos estudantis é relevante pois diz respeito à formação de uma identidade profissional, da minha, mas nem todos os sujeitos acadêmicos de licenciaturas irão participar de ações e de diretórios ligados ao movimento estudantil, ou seja, um sujeito irá formar sua identidade profissional mesmo se distanciando de alguns fatores. A formação da identidade profissional é – assim como a formação pedagógica - um processo que leva toda a vida.

Chego à conclusão de que é praticamente impossível concluir uma única ideia quando se trata de identidade, pois há uma amplitude grandiosa neste conceito. Sempre quando falado de relações humanas e suas individualidades nunca conseguiremos ter uma ideia fechada como definição. Mas ao final desta pesquisa, concordo que a ideia que mais se aproxima é de que identidade é um conjunto, um emaranhado de máscaras, faces, características que nos diferem dos outros e por meio desta diferenciação que somos indivíduos únicos, mutáveis e reais.

6. POST SCRIPTUM: A DESCONCERTANTE PANDEMIA

Esta seção não faria parte deste trabalho, afinal ninguém imaginaria que passaríamos por uma pandemia, mas a vejo como necessária para que você que está lendo este trabalho neste momento entenda em quais circunstâncias realizou-se esta pesquisa. Trata-se de um momento que não mudou somente a mim, mas a todos em nível mundial. Alguns países já começaram a retomar a vida, com sérias medidas de segurança, no Brasil ainda seguimos em isolamento social.

Em 2020, a pandemia do novo Corona vírus afetou o mundo inteiro e mudou o rumo de todos os segmentos. Com a educação não foi diferente. Vale ressaltar que nesta seção não será abordado sobre as milhares de vidas perdidas pela COVID-19, mesmo me sensibilizando muito por todos as vítimas, mas a ideia desta seção é de abordar sobre o quanto a pandemia/isolamento social alterou nossa rotina e nossa identidade.

Este ano foi um dos anos mais esperados por mim, pois seria o ano em que me formaria e com isso poderia traçar outros caminhos, preferencialmente longe da região. Mas em março fomos notificados que as aulas na Universidade Federal da Fronteira Sul seriam suspensas por tempo indeterminado, seguindo as medidas de prevenção da OMS (Organização Mundial de Saúde). Em seguida, começou uma articulação para que tivéssemos aulas remotas/ead/semipresenciais. Contudo este formato de aula causou muitos questionamentos em toda a comunidade universitária por vários motivos: alunos que não tinham acesso a meios tecnológicos; professores sem formação para desenvolver estas aulas; falta de diálogo entre os órgãos máximos da universidade e alunos, entre tantos outros.

Segundo dados divulgados pela Teacher Task Force, uma aliança internacional coordenada pela UNESCO, mais de 800 milhões de estudantes que estão com aulas suspensas não contam com um computador em casa, enquanto 43% do total de alunos não têm acesso à internet. Além do não acesso à tecnologia, há diversos alunos que tiveram de voltar para suas cidades natais, voltando a residir com os familiares, assim como eu, mesmo continuando a pagar aluguel na cidade sede do *campus*. E voltar para casa por tempo indeterminado foi muito mais difícil que o imaginado. A pressão do não se formar no ano que teoricamente seria o ano da formatura é muito grande. Os antigos hábitos dos familiares, agora incomodam, assim como a falta de

privacidade. Estresse, crises de ansiedade passam novamente a fazer parte da rotina.

Como membro do Diretório Acadêmico de Letras - juntamente aos demais integrantes - pensamos em diversas maneiras e ações para mantermos contato com todos os discentes do curso. Uma das ações foi criar um evento, chamado de “Formação do professor de línguas: delineando caminhos do aprender em tempos de pandemia”, em que convidamos professores e colegas para que estes dialogassem sobre diversos assuntos: direito e cidadania, tecnologias no ensino de línguas, ensino inclusivo, literatura, racismo, entre vários outros temas. E isso foi muito enriquecedor e importante para que entendêssemos que a universidade é um conjunto e que se formar a qualquer custo deveria deixar de ser uma prioridade. Afinal, depois de formados, trabalharemos com gente, ao vivo, na sala de aula e não limitados por uma tela e caso tenhamos de vir a ensinar futuramente através de aulas online, que tenhamos uma formação adequada para isto. E que se preocupar com a formação é muito mais importante do que pensar em se formar.

Contudo, escrever este trabalho de conclusão de curso durante um período totalmente atípico foi um desafio e tanto. Tive muitos silêncios, muitas crises de choro, sentimento de impotência. Fiquei meses sem conseguir olhar para este trabalho, pois não conseguia falar sobre identidades e todas suas facetas num momento em que a minha estava tão abalada. Com certeza, nunca mais seremos iguais ao que éramos, a pandemia nos mostra isso diariamente. Assim como também nos mostrou e afirmou ainda mais para quem tinha dúvidas a importância do professor e tudo que este profissional enfrenta no âmbito escolar/universitário. Espero que logo tudo isso passe e que possamos voltar a conviver novamente.

REFERÊNCIAS

- BACKES, C. **O que é ser brasileiro?**. 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências sociais). Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Rio de Janeiro: NovaFronteira, 1980.
- BOHN, H. I. **A formação do professor de línguas - A construção de uma identidade profissional**. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras). Fundação Universidade Regional de Blumenau. Universidade Federal de pelotas, Pelotas, 2005.
- BOZON, Michel e GIAMI, Alain. Les scripts sexuels ou la mise en forme du désir –présentation de l’article de John Gagnon. Actes de la recherche en sciencessociales, Paris, n.128, p.68-72, juin. 1999.
- DEWEY, J. *Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo; uma reexposição*. 3.ed. São Paulo: Nacional, 1959.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogía de la autonomía: conocimiento necesario para la práctica educativa**. São Paulo: Paz y Tierra, 1996.
- FREIRE, Paulo, 1921 – 1997 **Política e educação** : ensaios / Paulo Freire. – 5. ed - São Paulo, Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 48º. São Paulo: Cortez, 2006
- NEPOMUCENO, Ricardo Ferreira e WITTER, Geraldina Porto. Influência da família na decisão profissional: opinião de adolescentes. *Psicol. Esc. Educ. (Impr.)* [online]. 2010, vol.14, n.1, pp.15-22. ISSN 2175-3539.
- LEFFA, Vilson J. Identidade e aprendizagem de línguas. In: SILVA, K.A.; DANIEL, F.

G.; KANEKO MARQUES, S.M.; SALOMAO, A. C. B.. (Orgs.). A Formação de Professores de Línguas-Novos Olhares, Vol. 2. São Paulo: Pontes, 2012, v. 1, p. 51-81.

JACQUES, Lacan. O seminário. Livro 2. O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

TELMA, Gimenez. O professor de línguas como pesquisador de sua ação: a pesquisa colaborativa. **Trajetórias na formação de professores de línguas**. Londrina: Editora UEL, (2002).

RAJAGOPALAN, K. (2001a). ELT classroom as an arena for identity clashes. *In*: GRIGOLETTO, M., CARMAGNANI, A. M. G. (eds.). **English as a Foreign Language: Identity, Practices, and Textuality**. São Paulo, Brazil: Humanitas.

SCHÖN, D. A. (1983). **The reflective Practitioner**. London: Temple Smith.

Bock, A. M. B. (2001). *Psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez.

FERNANDES, Marcela. 2016: O ano em que (quase) tudo aconteceu na política brasileira. **Exame.com**, 2016. Disponível em: <https://exame.com/brasil/2016-o-ano-em-que-quase-tudo-aconteceu-na-politica-brasileira/>